

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Gianluca Caetano

**O PRIMEIRO CONTATO COM A ANÁLISE DE DESEMPENHO EM
CATEGORIAS DE BASE DE FUTEBOL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
DE ESTÁGIO EXTRACURRICULAR**

PORTO ALEGRE

2022

Gianluca Caetano

**O PRIMEIRO CONTATO COM A ANÁLISE DE DESEMPENHO EM
CATEGORIAS DE BASE DE FUTEBOL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
DE ESTÁGIO EXTRACURRICULAR**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Bacharelado em Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito obrigatório para a formação.

Orientação: Prof. Dr. Flávio A. de Souza
Castro

PORTO ALEGRE

2022

Gianluca Caetano

**O PRIMEIRO CONTATO COM A ANÁLISE DE DESEMPENHO EM
CATEGORIAS DE BASE DE FUTEBOL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
DE ESTÁGIO EXTRACURRICULAR**

Conceito final:

Aprovado em de de....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser – UFRGS

Orientador - Prof. Dr. Flávio A. de Souza Castro – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Em meio a um semestre turbulento, o primeiro com o retorno presencial pós-pandemia, e a angústia por aproveitar uma oportunidade que dependia de minha formatura, muitas pessoas contribuíram para que meu esforço tivesse êxito nesta missão e a elas devo muito.

Minha namorada, **Gabrielli**, que há muitos dos anos da minha vida é a minha base, durante este processo foi a pessoa que me incentivou e de inúmeras formas me ajudou a passar por este desafio. Foram o seu companheirismo que não mede esforços, o amor que me doou o que me deram forças diariamente para seguir em frente.

Meus pais, **Maria Isabel** e **José Antonio** que sempre lutaram para criar concretamente as condições de uma vida melhor, dedicada à educação. Minha irmã, **Luísa**, que se encontra em batalha semelhante à minha, a quem me inspiro em sua dedicação. Obrigado por todo o amor que me deram e que me ensinaram a transmitir.

A minha outra parte da família, àquela que me “adotou”, também devo muitos agradecimentos pelo suporte sem medir esforços que me proporcionaram ao longo de minha trajetória. Meus amigos e irmãos, **Yago** e **Erick**, que com pelas conversas, conselhos, angústias compartilhadas e pela amizade em primeiro lugar fizeram esse caminho ser menos tortuoso. Minha tia de coração, **Elaine** que me auxiliou em tantos momentos de luta e que me sempre me incentivou.

Meus sogros, **Maria Lúcia** e **Wilson** pessoas tão generosas que muitas vezes abdicam de seu conforto para ajudar alguém. Facilitaram e incentivaram de muitas formas o meu processo, sempre de coração aberto, de bom grado e com amor.

Agradeço a inúmeros amigos a quem durante este processo não pude dar toda a amizade, apoio e atenção que mereciam. A eles devo inúmeras agradecimentos por seu suporte direto ou indireto, bem como devo inúmeras desculpas.

Por fim, agradeço meu orientador, **Flávio Antônio de Souza Castro**, que aceitou orientar este trabalho quando eu mesmo já duvidava da possibilidade de sucesso. As palavras não seriam suficientes para expressar minha gratidão. Agradeço a minha banca, **Rogério da Cunha Voser**, referência no tema deste trabalho, por

aceitar com pouco tempo restante o avaliar. À **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, ao **povo brasileiro**, e a **quem luta pela educação pública**.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso se configura como um relato de experiência de um estágio extracurricular na área de Análise de Desempenho no futebol. O estágio ocorreu nas Categorias de Base de um grande Clube de futebol sediado em Porto Alegre. O objetivo do trabalho foi de relatar as vivências decorrentes da experiência de estágio, bem como refletir sobre o processo e a prática. Os meios que estão descritos no texto baseiam-se em: 1) observações; 2) vivências práticas; 3) reuniões de setor; 4) reuniões de comissão; 5) visualização de materiais de vídeo e 6) partidas entre equipes. Deste relato depreende-se que o estágio proporcionou experiências fundamentais para a formação profissional do aluno, o qual permitiu a construção de novos conhecimentos teóricos e práticos, juntamente com a escrita deste relato. Este próprio documento pode contribuir para a familiarização dos tópicos e debates da área para futuros ingressantes na análise de desempenho e do mundo do futebol em geral.

Palavras-chave: Vivência. Jogos esportivos coletivos. JEC. Análise de jogo. *Scout*. Jovens atletas. Jogo. Esporte. Treinamento.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1	O JOGO	11
2.2	O ANALISTA DE DESEMPENHO EM CATEGORIAS DE BASE	14
2.3	INTERPRETAÇÃO TÁTICA DO JOGO (ANÁLISE DO JOGO).....	15
3	MÉTODOS.....	18
3.1	DELINEAMENTO	18
3.2	ANÁLISE DE EXPERIÊNCIA	18
3.3	PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	21
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
4.1	PARTICIPAÇÃO NOS TREINAMENTOS.....	22
4.2	ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO ANALISTA.....	25
4.3	CONTRIBUIÇÕES NA APRENDIZAGEM DOS ATLETAS.....	29
5	CONCLUSÃO.....	33
	REFERÊNCIAS	34

APRESENTAÇÃO

Um semestre após minha conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, quando cursava a segunda etapa do Bacharelado, iniciei o processo seletivo para estágio como analista de desempenho nas Categorias de Base de um grande Clube de Porto Alegre. Para quem pretendia trabalhar com o futebol e já estava envolvido com este tema em grupos de pesquisa, esta seria uma grande oportunidade para adentrar de fato neste mundo. Para um estudante em final de curso, via como uma das últimas oportunidades de trabalhar com futebol e, quando já estava desesperançoso, em setembro de 2021, fui comunicado da minha aprovação.

Ao longo do estágio minhas atividades tiveram como base os compromissos da categoria sub-14, como acompanhamento dos treinamentos, gravação de treinos e jogos, produção de materiais de vídeo, entre outros. Além disso, o setor da análise de desempenho também possuiu demandas de produção de vídeos bem como o gerenciamento de banco de dados interno.

Com isto, este trabalho é um relato das experiências vividas em um estágio extracurricular na análise de desempenho nas Categorias de Base de um Clube de futebol. Está organizado em cinco capítulos: Introdução, Referencial teórico, Métodos, Resultados e Discussão, e Conclusão. O capítulo dois, Referencial teórico, apresenta a área de atuação do analista de desempenho e seu objeto de estudo. Já o terceiro, os Métodos, trata dos locais de prática do estágio e das estratégias utilizadas para produzir dados para este trabalho. O capítulo quatro, Resultados e Discussão, relata aprendizados obtidos com a prática de estágio e os discute com o conhecimento disponível na literatura. Por fim o último capítulo, a Conclusão, elenca as considerações finais deste trabalho.

Busco fundamentar minhas vivências baseado nos conhecimentos produzidos e disponibilizados pela literatura, bem como refletir sobre os diversos papéis que um profissional da área exerce, tanto na produção de materiais, quanto no processo de ensino-aprendizagem dentro de uma comissão técnica nas Categorias de Base de um Clube de futebol. Como descrito no Capítulo V, da natureza do TCC II do Regulamento de Trabalho de Conclusão dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física “II – São admitidos outros conteúdos do TCC II, não apenas pesquisa, como relato de experiência ou produção de produto, desde que relacionados à Educação

Física, definido de comum acordo pelo estudante e pelo professor orientador e que apresentem revisão da literatura pertinente ao tema” (UFRGS, 2019, p. 3).

1 INTRODUÇÃO

A análise de desempenho é uma categoria profissional cujo destaque é relativamente recente no futebol (COTTA, 2018; SHAMAH, 2021). O entendimento de que a análise do jogo, porém, poderia contribuir para seu aprimoramento pode ser visto já nos anos 1930. Apesar disto, o cargo de analista de desempenho no Brasil começa a ganhar destaque somente a partir da década de 2010 (CARLET, 2020 citado por SHAMAH, 2021). Isto se relaciona ao atual nível de especialização do esporte, da necessidade de coleta de informações e de entendimento do jogo, uma vez que outros membros de uma comissão seriam sobrecarregados com estas funções.

Nas categorias de base, os profissionais têm o compromisso não apenas com o desempenho, mas também com a formação dos atletas. Esse processo envolve o trabalho de conteúdos com objetivos além do aprimoramento do desempenho dos jovens atletas, mas relacionado a aspectos do desenvolvimento humano. Mesmo quando se pensa no rendimento, há uma maior preocupação com o processo de aprendizagem do que com o desempenho em si. O analista nas categorias de base pode ter um papel amplo e atuar em diferentes frentes. Sua principal habilidade técnica, porém, deve ser a de compreensão do jogo. O futebol encontra-se na classe dos jogos esportivos coletivos, pertencente ao grupo dos esportes de invasão. Estando dentro destas categorias a lógica do seu jogo obedece aos princípios estabelecidos por Bayer (1994), relativos aos objetivos dentro de cada situação do jogo. Diversos autores descrevem estes e outros objetivos com o intuito de compreender melhor o jogo (COTTA, 2018; LEONARDO, 2020; TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2020). São conteúdos necessário para a análise correta do jogo.

Em outubro de 2021, fui aprovado para dar início ao estágio nas Categorias de Base de um grande Clube de futebol de Porto Alegre. A partir de então adentrei de fato no mundo do futebol, na função de analista de desempenho da categoria sub-14. O objetivo deste trabalho é relatar a minha experiência de estágio como analista de desempenho em um estágio extracurricular nas Categorias de Base de um Clube de futebol sediado em Porto Alegre.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção será sintetizada a base teórica acerca de alguns dos elementos vivenciados em minha experiência de estágio como analista. Com base na literatura, estão organizados tópicos sobre o jogo, sobre o trabalho do analista de desempenho e sobre a interpretação tática do jogo.

2.1 O JOGO

O futebol, apesar de dispensar apresentações para os brasileiros, pode ser descrito e utilizado como objeto de conhecimento (FREIRE, 2021). É um jogo no qual duas equipes se enfrentam com o antagônico objetivo de colocar a bola dentro da meta adversária, isto é, fazer o gol. Essa é a dualidade característica dos jogos de invasão, uma equipe tenta marcar o ponto ao invadir o campo adversário, enquanto a outra em oposição tenta impedir a finalização e sua progressão com o implemento (GRECO; MORALES; ABURACHID, 2012). Sendo o futebol também um jogo de invasão, seu desafio, portanto, também reside nesta questão: impedir o gol adversário e fazer o gol a seu favor. O time como um todo se organiza de forma a cumprir estes objetivos. Contudo, existe uma lógica por trás das ações em torno deste objetivo, condensadas em conjuntos de objetivos descritos por diversos pensadores.

2.1.1 A tática e as Fases do Jogo

A essa lógica que rege as decisões do jogo, podemos chamar de tática, tão comentada no universo dos esportes coletivos por profissionais, por amadores e torcedores. Formalmente podemos defini-la como as “razões do fazer”, o conjunto das decisões sobre quais comportamentos executar em cada momento (LEONARDO, 2020). As decisões devem ser tomadas em função do gerenciamento do espaço e do tempo de forma a contemplar os objetivos do jogo (TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2020; THIENGO, 2020).

As decisões tomadas dependem das circunstâncias do jogo. Uma das principais circunstâncias que podemos observar é sob quem está a posse da bola. Diversos autores baseados nos escritos de Bayer (1994) apontam os princípios gerais

dos jogos coletivos, que se encaixam também para o futebol (GRECO; MORALES; ABURACHID, 2012; LEONARDO, 2020; TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2020). Grande parte destes princípios são relativos à variável da posse da bola.

Situações como 1) ter ou não sua posse com a bola em jogo, 2) tê-la retomado ou perdido, 3) ter ou não sua posse em um lance parado são critérios definidores do que são as chamadas de *Fases do jogo*.

Guilherme Oliveira (2004, p. 146), esclarece-nos que o termo “fases” surge em função da “característica sequencial dessas mesmas etapas, ou seja, existe sempre uma lógica sequencial implícita”; e explica que uma equipe que está defendendo, ao recuperar a bola passará a atacar, enquanto que uma equipe que está atacando, ao perder a bola, passará a defender, sendo esta uma lógica ininterrupta. (COTTA, 2018, p. 28)

A primeira situação, *ter* ou *não ter* a posse com a bola em jogo, define a Fase de Organização Ofensiva e Organização Defensiva, respectivamente. Ambas são caracterizadas pela relativa organização das equipes em campo, isto é, possuírem um posicionamento momentaneamente estável frente as ações do adversário. Ocorre de forma geral após algum tempo de posse ou em saídas de jogo (COTTA, 2018). Em contraste, as Transições Ofensivas e Transições Defensivas são momentos menos estáveis, caracterizados pela *recuperação* ou *perda da posse de bola*, respectivamente. São os instantes imediatos após estas situações que caracterizam estas Fases (COTTA, 2018). Estes momentos do jogo exigem de ambas as equipes uma mudança brusca de comportamento e de organização visando cumprir os novos objetivos. São os chamados “contra-ataques” nos quais muitas vezes o futebol encontra-se no seu estado mais dinâmico.

Por fim, a Bola Parada ocorre quando a jogada começa com a bola sem movimento. Esta Fase também se divide em Ofensiva ou Defensiva e exige diferentes decisões táticas visando cumprir os objetivos do jogo frente a suas configurações particulares. É um momento que permite maior possibilidade para jogadas previamente treinadas, visto que partem de uma situação padrão (COTTA, 2018).

2.1.2 Princípios do jogo

Não há dúvidas de que fazer o gol seja o objetivo principal do futebol. Entretanto existem camadas intermediárias de objetivos que permitem melhor entendimento da organização do jogo perante este objetivo final. Podemos classificá-los em três dimensões. Os princípios gerais, os princípios operacionais, e os princípios fundamentais.

Os *princípios gerais* tratam das relações espaciais e numéricas entre as equipes nos setores onde a bola está em disputa. Não permitir a inferioridade numérica; evitar a igualdade numérica e procurar criar a superioridade numérica (TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2020). Estes são os três princípios que guiam de forma geral o jogo.

Os princípios gerais recebem essa denominação pelo fato de serem transversais às diferentes fases do jogo e aos outros princípios (operacionais, fundamentais e específicos) pautando-se em três conceitos advindos das relações espaciais e numéricas entre os jogadores da equipe e os adversários nas zonas de disputa pela bola (...). (TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2020, p. 52).

Os *princípios operacionais* são conceitos atitudinais para as fases ofensivas e defensivas. “Os princípios operacionais se relacionam com as ações necessárias para se alcançar o objetivo do jogo” (TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2020). Durante o ataque consideramos (1) conservar a bola, (2) construir ações ofensivas, (3) progredir, (4) criar situações de finalização e (5) finalizar no gol. Os princípios operacionais defensivos por sua vez são (1) anular situações de finalização, (2) recuperar a bola, (3) impedir a progressão do adversário, (4) proteger o gol e (5) reduzir o espaço de jogo adversário (BAYER; DA COSTA; GÓIS, 1994 citado por LEONARDO, 2020; TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2020).

Já os *princípios fundamentais* são regras básicas que orientam as ações dos jogadores para facilitar a gestão do espaço de jogo, tanto no ataque, quanto na defesa. Com a posse de bola, temos os seguintes princípios fundamentais (1) penetração, (2) mobilidade, (3) cobertura ofensiva, (4) espaço e (5) unidade ofensiva. Sem a bola temos (1) contenção, (2) cobertura ofensiva, (3) equilíbrio, (4) concentração e (5) unidade defensiva (TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2020; THIENGO, 2020).

2.2 O ANALISTA DE DESEMPENHO EM CATEGORIAS DE BASE

Existem diversas funções que o analista de desempenho pode ocupar dentro de uma Comissão Técnica em Categorias de Base. Ainda assim, a tarefa desempenhada pelo analista é específica. Sua função básica é a de coletar informações de jogos e treinamentos e, a partir delas, analisar a influência de determinados aspectos no rendimento da equipe e de jogadores (SHAMAH, 2021). Entretanto, no dia a dia dos treinamentos de uma categoria é comum o exercício de outras funções.

A rotina de trabalho do analista dependerá principalmente da maneira que o cargo é desenhado em cada clube. Duas posições para o cargo de analista são as mais comuns de se encontrar nos clubes. Um destes é o Auxiliar-Analista, que pode atuar no campo e auxiliar nos treinamentos a depender de sua competência técnica. Outro é o Analista de Sala, que fica restrito ao seu escritório ou sala onde irá produzir relatórios e materiais para serem usados pela comissão, salvo momentos em que sua presença é necessária para filmagens e nos jogos (COTTA, 2018)

Independentemente da forma que o clube organiza a rotina de trabalho de seus analistas de desempenho, as suas responsabilidades serão relacionadas a fornecer relatórios técnicos e táticos da equipe e do adversário; gerenciar bancos de dados; gerenciar a utilização de materiais de gravação como câmeras e tripés; bem como a edição dos vídeos via *softwares* específicos (COTTA, 2018). Alguns relatos exemplificam o fluxo do trabalho produzido pelo analista:

É isso que Steve Brown e Paul Graley fazem para David Moyes no Everton. os analistas de jogos do treinador passam horas preparando e destrinchando as partidas da *Premier League* de forma meticulosa, examinando o ataque e a defesa de seus próprios jogadores e dos adversários, preparando material de apoio a respeito do marcador direto de cada jogador. antes de um jogo, eles examinam pelo menos cinco partidas anteriores do rival, compilando relatórios estatísticos e combinando-os aos dados da *Prozone*. usando os dados e o vídeo, eles observam o estilo, a forma de jogar, as forças e fraquezas, o posicionamento e os pontos fracos e defeitos dos adversários. Tudo isso é mastigado e apresentado a Moyes, que condensa um pouco mais o material e apresenta as conclusões a sua equipe. (ANDERSON; SALLY, 2013, p. 19)

Os principais métodos de apresentação de informações estão distinguidos em duas categorias: quantitativa e qualitativa (COTTA, 2018; SHAMAH, 2021). O método quantitativo visa fornecer alguns parâmetros numéricos de determinados fatos. Uma série de exemplos comuns no futebol se encaixam nesta classificação. Coletar o número total de passes da equipe, verificar qual o percentual de acerto e de erro, por exemplo, são formas quantitativas de fornecer informações (SHAMAH, 2021). Já o método qualitativo está baseado na visualização do jogo, neste caso pelo analista, e a interpretação de determinadas situações e seus desfechos. É uma abordagem menos objetiva e sistematizada comparada à qualitativa, já que depende também da experiência e de percepções individuais (SHAMAH, 2021). As informações coletadas podem ser utilizadas com diferentes atores do jogo:

1. Com os atletas, é possível utilizar recortes dos vídeos gravados em jogos e treinamentos. O uso pode ser realizado para analisar o desempenho individual e coletivo dos lances selecionados (SHAMAH, 2021).
2. Já com o treinador e comissão, os dados quantitativos e qualitativos possuem diferentes usos. Por exemplo, os vídeos das partidas podem servir tanto para a análise dos comportamentos táticos coletivos, de grupo e individuais, tanto para a verificação de componentes técnicos. Dados quantitativos abordam objetivamente determinados fatores que podem ser considerados indicadores de sucesso da equipe durante uma partida. Tais como passes corretos, finalizações na meta, bolas recuperadas entre outras.

2.3 INTERPRETAÇÃO TÁTICA DO JOGO (ANÁLISE DO JOGO)

Existem algumas formas de nomear o estudo do jogo. Entre elas “análise do jogo” e “análise de desempenho” são as mais utilizadas atualmente (LEONARDO, 2020; SHAMAH, 2021). A análise do jogo deve ser um método eficaz de obtenção de informações valiosas acerca do jogo:

dando possibilidades de aumentar o conhecimento deste, o que torna possível entender as relações e características de fatores ofensivos e defensivos, de modo a apresentar índices relacionados à

eficácia esportiva, além de ser útil no auxílio da elaboração de planos de treinamento mais vantajosos à equipe. (LEONARDO, 2020, p. 16)

Uma equipe, ao longo de uma partida, não mantém sua estrutura invariável. Nas diferentes situações de jogo existem diferentes formatações e objetivos que dependem da posição do campo, do placar, da disposição dos jogadores, de resultados anteriores e paralelos bem como de outros fatores externos. Por meio da análise de jogo busca-se compreender como a equipe se comporta em diferentes situações dentro da organização ofensiva e defensiva, das transições e das bolas paradas. Deve-se atentar aos padrões de movimentação individual e coletivos do jogo nas diferentes situações de jogo, às variações frente a cada objetivo, aos detalhes de ações individuais (COTTA, 2018). Essa análise é válida tanto para equipe adversária, quanto para a própria equipe.

As Fases do jogo descritas anteriormente são um parâmetro importante ao realizar a análise do jogo. As equipes, regidas por diferentes objetivos em cada momento, atuam de forma diferente ao longo da partida. Dessa forma, a análise do jogo deve ser separada com base nesses momentos, sendo eles: Organização Ofensiva e Defensiva, Transições Ofensivas e Defensivas e Bolas Paradas Ofensivas e Defensivas (COTTA, 2018). Essa separação significa obter dados distintos para cada momento. Esses dados podem ser quantitativos ou qualitativos. Por exemplo, pode-se realizar o *scout* de informações defensivas como desarmes ou recuperações de bola ou realizar uma análise do vídeo de uma partida para entender como o time se posiciona em campo ao tentar recuperar a bola e conter o avanço adversário. Se buscássemos informações para a Fase Ofensiva obteríamos dados sensivelmente distintos, dessa forma a separação é justificável.

É possível esmiuçar ainda mais a análise de uma partida. Em cada momento, uma equipe se comportará de maneira distinta a depender de fatores como a localização da bola em campo, o placar, os objetivos da equipe, entre outros (TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2020; THIENGO, 2020). Dessa forma pode ser interessante analisar dentro da Organização Ofensiva, por exemplo, como o time inicia as jogadas de um tiro de meta, ou como a equipe busca avançar dentro do campo adversário ou ainda como se cria as chances de finalização. Quando pensamos em análises qualitativas buscamos os padrões da equipe que está em

análise. A obtenção de informações acerca de como é o jogo analisado é o objetivo deste método (SHAMAH, 2021). Este método depende da existência de vídeos de jogos ou treinamento das equipes. Na ausência desses materiais, pouca coisa pode se dizer sobre a forma de jogo de uma equipe. Esse modelo de análise também pode ser elaborado em formato de vídeo ou ainda em forma de relatório com algumas imagens que caracterizem as situações em destaque. A análise não fica restrita somente às equipes adversárias, mas pode se estender para a própria equipe.

Aos analisar a própria equipe, busca-se encontrar nos vídeos de treinamentos ou jogos os comportamentos treinados e identificar seu índice de sucesso. O analista deve verificar como a equipe se comporta coletiva e individualmente em cada Fase do jogo. A análise costuma se manter a nível de grupo ou coletivo nesses casos. O mais importante é compreender se a própria equipe está realizando uma jogada da maneira pela qual foi treinada. Entretanto, se for o caso, as ações individuais poderão ser analisadas como indicador de sucesso ou falha de uma jogada.

A análise da equipe adversária tem como objetivo principal fornecer informações sobre a sua maneira de jogar (SHAMAH, 2021). Essa análise busca identificar padrões de jogo no adversário para que seja possível antecipar ou anular suas ações. Essa análise também é feita para cada Fase do jogo, esmiuçada dentro das organizações ofensivas e defensivas, verificando as variações dentro de cada momento (COTTA, 2018). Por exemplo, na organização ofensiva podemos tomar a saída de bola como objeto de análise e verificar se a equipe opta por uma saída de três ou dois jogadores, ou se prefere então uma bola longa para disputá-la no meio campo.

3 MÉTODOS

3.1 DELINEAMENTO

O trabalho é um estudo descritivo de abordagem qualitativa cujo objetivo é relatar as experiências de um aluno do curso de graduação em Educação Física - Bacharelado ao longo de um estágio realizado nas Categorias de Base de um Clube de futebol sediado na cidade de Porto Alegre.

3.2 ANÁLISE DE EXPERIÊNCIA

Os relatos aqui descritos compreendem o período de estágio de outubro de 2021 a setembro de 2022, durante o qual atuei como analista de desempenho no Centro de Análise de Desempenho de um Clube de futebol de Porto Alegre. O estágio ocorreu no período após a liberação das restrições mais severas em consequência da pandemia de COVID-19, portanto foi realizado de forma totalmente presencial. Os relatos deste trabalho foram descritos após uma série de vivências no local de estágio. Estas podem ser classificadas da seguinte forma: 1) observações; 2) vivências práticas; 3) reuniões de setor; 4) reuniões de comissão; 5) visualização de materiais de vídeo e 6) partidas entre equipes.

Nas categorias de base do Clube, o público é composto por jovens atletas do sexo masculino cuja idade varia de 8 a 20 anos. São divididos em diferentes categorias, conforme a idade e o nível de desempenho. Os atletas vêm de diversas partes do país e até mesmo de fora do Brasil. Durante meu estágio, fiquei responsável na maior parte do tempo por acompanhar a categoria Sub-14, todos seus treinamentos e compromissos diários.

A organização de minhas experiências práticas no estágio pode ser dividida em duas áreas: 1) os compromissos da categoria Sub-14, contando com os treinamentos, reuniões e palestras, partidas etc.; e 2) os compromissos com o Centro de Análise de Desempenho, o qual possuía demandas para além da categoria em específico. Todo trabalho diário aconteceu dentro do Centro de Treinamento (CT). Com a categoria, os treinamentos aconteciam nos campos disponíveis. Com o setor, nossas demandas

eram resolvidas na sala do Centro de Análise de Desempenho (CAD) que se situa nas dependências do estádio.

O CT possui um grande prédio principal logo na sua entrada. Nele estão localizadas diversas das salas de diferentes departamentos tais como de nutrição, pedagogia, assistência social, administrativos, entre outros. Há também os quartos e seções de alojamentos para os atletas residirem enquanto atuam pelo Clube. Ao lado do prédio principal, há um ginásio com uma quadra com dimensões de futebol sete. O ginásio conta com sala das comissões, vestiário, rouparia e sala de materiais. No interior do CT estão localizados o estádio, com uma arquibancada com capacidade para aproximadamente 1000 pessoas. Nas dependências do estádio existem salas de departamentos, das comissões, vestiários, sala de materiais etc.

O CT conta com diversos campos de futebol para treinamento e jogos. A maior parte deles são de grama natural e dois possuem gramado sintético. Além dos campos, existem outros locais de utilização para treinamento, como a academia; bem como para reabilitação, a sala de fisioterapia. Dos departamentos, o CT conta com o departamento médico, de fisiologia, de nutrição, de pedagogia, de assistência social, de coordenação, de metodologia, de análise de desempenho, dentre outros.

A sala do setor que atuei, o CAD, possui cerca de 30 m² e localiza-se dentro do estádio. Nela, trabalham os analistas das categorias sub-20, -17, -16, -15 e -14. Temos a nossa disposição computadores, câmeras de vídeo, tripés, guarda-sóis e diversos outros materiais a fim de produzir os elementos necessários demandados pelo clube e departamento. Cada analista possui sua mesa de trabalho e seus materiais, fornecidos pelo clube. As reuniões do setor da análise de desempenho ocorreram nesta sala. Os principais tópicos a discussão foram maneiras e critérios que utilizaríamos como marcadores de desempenho para as categorias do Clube. Também discutimos questões como métodos de gravação, edição de vídeo, produção de materiais para o clube e comissões.

No Clube, o analista faz parte de uma comissão técnica e trabalha cotidianamente com uma categoria específica, no meu caso, a Sub 14. Antes e após as sessões, a comissão — incluindo o analista, discute questões relacionadas aos treinamentos. O conteúdo de cada sessão é definido de acordo com a lógica dos ciclos de treinamento. A comissão discute como o mesociclo se encaixa dentro do

planejamento da temporada, e então define especificamente o conteúdo de cada microciclo para então especificar o conteúdo diário. Esse trabalho é feito em conjunto integrando treinador, preparador físico, treinador de goleiros e analista.

Existem diferentes finalidades para cada tipo de material produzido pelo analista. Alguns deles são utilizados somente pela comissão, outros para o setor de análise e outros para a visualização com os atletas. Neste último caso, a exibição de vídeos de lances de jogo foi a mais comum. Essa abordagem era realizada no auditório do CT com a presença de todos os atletas e a comissão. Na minha experiência, a maior parte destas intervenções foi conduzida pelo treinador e auxiliada por mim como analista.

As partidas entre as equipes são um momento de grande envolvimento de todos os membros da comissão. Principalmente em partidas importantes, é exigido um alto nível de comprometimento de todos os atores envolvidos. Da parte do analista, durante os jogos, é esperado que ele fique responsável pela organização de tudo que concerne a realização da filmagem da partida. Isto é, separar materiais (câmera, tripé, guarda-sol, cabos etc.), identificar o local apropriado de filmagem, montar o equipamento, bem como editar e produzir os vídeos ao final da partida. Além disso, durante os intervalos é comum os treinadores solicitarem o parecer do analista sobre a equipe ou adversário. Antes do início da partida o analista pode ajudar a organizar questões logísticas para a preparação para o jogo. A maior parte dos jogos que pude presenciar foram dentro do CT do Clube. A própria categoria sub-14 não possuiu muitos compromissos “fora de casa” e alguns deles que demandavam pernoite (usualmente em outro estado) não permitiam a presença legal de estagiário, portanto minha presença ficou restrita a compromissos locais.

A parte seguinte deste trabalho relata as reflexões e aprendizagens que experienciei no período de estágio. Essas são produto do amadurecimento pessoal e profissional que tive durante esta etapa da minha formação e estão organizadas nos seguintes tópicos:

1. Participação nos treinamentos;
2. Organização e produção do analista;
3. Contribuições na aprendizagem dos atletas;

3.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Por tratar-se de um trabalho de relato da experiência vivenciada pelo autor, não é necessária uma aprovação em comitê de ética, bem como não serão revelados nome do Clube, atletas e profissionais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo será relatado as aprendizagens, observações e descobertas da experiência em minhas experiências no estágio profissional e discuti-las com a literatura.

4.1 PARTICIPAÇÃO NOS TREINAMENTOS

Não são todos os clubes ou treinadores que prezam pela presença do analista nos gramados durante os treinamentos (COTTA, 2018). Conforme descrito anteriormente neste trabalho, é comum o ambiente de trabalho deste profissional ficar restrito à sua sala e participar apenas dos treinamentos em que são necessárias gravações ou outro tipo de coleta de dados, ou nas partidas disputadas. No entanto, na minha experiência, tive a oportunidade de acompanhar todos os treinamentos da categoria. Essa possibilidade foi algo que engrandeceu meu estágio e abriu a possibilidade de obter novos conhecimentos e melhorar profissionalmente.

A presença do analista de desempenho nos treinamentos é uma diretriz metodológica do departamento do Clube. Ao ingressar no estágio, uma de minhas primeiras designações era ir ao campo observar os treinamentos e estar junto à comissão. Para o CAD, a participação do analista nos treinamentos é essencial para compreender o trabalho com a categoria com a finalidade de fornecer materiais relevantes e congruentes. Essa é uma medida que corrobora com o que se espera do trabalho do analista (COTTA, 2018). Mesmo com o conteúdo curricular do curso de Educação Física, não tivera até então contato com esta função. Com isto, pude aprender sobre as diversas etapas do processo de treinamento de futebol de uma categoria, pelas observações e intervenções que tive ao acompanhar o trabalho de todos os membros da comissão.

A montagem e execução do treinamento no Clube envolve a participação ativa de todos os membros da comissão. O princípio de uma sessão ocorre no seu planejamento, quando ideias são propostas e debatidas entre os colegas, bem como a resolução de possíveis empecilhos. Nesta etapa deve-se pensar em questões organizacionais como o número de atletas presentes, os materiais disponíveis, os campos de treinamento disponibilizados, assim como suas condições de uso. A

principal parte do planejamento são seus conteúdos, os quais devem estar de acordo com as orientações metodológicas do Clube. Nesta etapa são solucionados os problemas dos conteúdos a serem trabalhados a nível coletivo e individual, os componentes físicos, técnicos e táticos, considerando a etapa da temporada que a equipe se situa (incluindo se há jogos próximos). Além disso, visto que o trabalho é realizado com jovens atletas, deve ser considerado a etapa da vida esportiva em que o atleta se encontra.

Para organizar e dar início ao treino, é necessário a organização previa dos locais. Isto é, a verificação e transporte de materiais como cones, fitas, goleiras, bolas, coletes etc. Essas funções são divididas entre os membros da comissão. Por exemplo, o carregamento das bolas fica a cargo do Preparador de Goleiros e os coletes com o preparador físico, que na saída da academia os solicita na rouparia. O analista usualmente auxilia o treinador na montagem do campo. Grande parte dos exercícios não são realizados utilizando todas as dimensões oficiais do campo, para isso é necessário que sejam sinalizados os limites das atividades, o que deve ser realizado previamente ao horário de início do treino. Em algumas situações, por questões logísticas, esse momento acontece pouco tempo antes do início, exigindo agilidade na montagem para não prejudicar o andamento do treino.

Já a execução do treino exige não apenas capacidade organizacional da comissão, mas também conceitual. Uma boa execução depende de capacidade de comandar o grupo de atletas. Por serem jovens, é comum uma maior dispersão em momentos ociosos. Para isso é adequado eliminar distrações, criar regras e diminuir o tempo ocioso entre atividades. Durante a execução dos exercícios de treinamento o domínio do aspecto conceitual surge de maneira predominante. O treinador é a figura que tem a tarefa de resolver este problema. Entretanto, ao auxiliar os treinamentos também pude aprender muito sobre esses conceitos que considero muito importantes para minha construção profissional. Pude observar na prática a importância do aspecto motivacional dos atletas (estado volitivo como descrito por Matveev e Gomes (1997) e aprender a como aplicar isto. Também a observação permite a aprendizagem de muitos aspectos técnicos do futebol, cujo conhecimento conceitual destes, nem sempre permite que a dimensão procedimental seja aperfeiçoada, algo importante durante o ensino do jogo para jovens.

Ao escrever este trabalho, pude refletir sobre os conteúdos que ministrei na prática. A reflexão permite a criação conexões que sem o exercício conceitual poderiam nunca acontecer. Por exemplo, no Clube e na área da análise de desempenho, bem como durante os treinamentos é comum separar o jogo dentro do momento ofensivo e defensivo em Fases. No Clube utilizamos a classificação de Fases 1, 2 e 3 para distinguir a situação e objetivos das equipes em cada etapa do jogo. Na literatura não pude encontrar algo seguindo a mesma nomenclatura, mas a partir da reflexão disto que utilizamos em prática pude relacionar com os princípios operacionais do jogo, descrito por Bayer (1994) e posteriormente trabalhados por diversos autores (COTTA, 2018; LEONARDO, 2020; TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2020).

Inserido nesta etapa por meio do estágio — possibilidade muito importante do curso, pude aprender sobre as diversas etapas do processo de treinamento de futebol de uma categoria, pelas observações e intervenções que tive ao acompanhar o trabalho de todos os membros da comissão. Muitas vezes o conteúdo em si não é o mais importante, mas sim, para ser recebida de maneira positiva, a forma que se transmite as informações e opiniões aos membros da comissão. Isso é algo que apenas a prática pode fornecer.

Analisar o jogo da própria equipe torna-se muito mais fácil ao acompanhar os treinamentos. São durante eles que diariamente percebo a linha de trabalho do treinador. Quais comportamentos e ações ele pretende que seja executado em cada Fase do jogo. Sabendo isso, tenho maior poder de análise de uma partida de minha equipe. Serei capaz de interpretar de maneira mais consistente aquilo que estou vendo pois estarei mais acostumado, e dessa forma fornecerei um melhor *feedback* para a comissão.

Devido a estes aspectos, considero o acompanhamento dos treinamentos no campo essenciais para o trabalho do analista. Além disso, faz o analista tornar-se parte do grupo, cria-se uma percepção de equipe com atletas e comissão. Caso contrário seria alguém que está apenas fornecendo um suporte distante. Estar presente nos treinamentos potencializa a capacidade do analista de entender a linha de trabalho do treinador e da categoria como um todo; também me fez ser acolhido pelo grupo e identificado como um deles. Este foi um aspecto muito importante para o meu desenvolvimento profissional.

4.2 ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO ANALISTA

Durante meu estágio produzi materiais de diversas origens com diferentes fins. A gravação de vídeos da equipe durante treinamento e principalmente nos jogos foi a produção de maior demanda durante meu período como analista. Foi requisitado pois deste seriam produzidos importantes materiais derivados, como análises jogo e outros vídeos. Outras tarefas também foram realizadas, como análises de adversário, e produção de vídeos com propósitos diversos. Para a gravação, porém, existem preocupações que devem ser observadas.

4.2.1 Organização para a gravação

O ato de gravar um treinamento ou jogo pode parecer algo trivial, porém existem preocupações que devemos ter para que seja executado de maneira adequada. Durante os treinamentos, quando é necessária a gravação, as preocupações são um pouco menores, visto que é um local conhecido no qual sabemos se há a possibilidade ou não de gravar. Em partidas fora de casa, porém, existem outros fatores que precisam ser antevistos. Em alguns casos, é preciso verificar se há local disponível para a gravação, o que requer a obtenção dessa informação com um representante do local.

O analista deve verificar se a gravação pode ser realizada com segurança, devido a condições climáticas, estruturais ou situacionais, como a proximidade a torcida adversária. Em dias de chuva, em locais descobertos, só pode ocorrer com uso de uma proteção como toldos ou guarda-sóis, caso contrário o equipamento seria danificado. É importante também observar as temperaturas que serão atingidas no dia. Não só a proteção contra o frio e chuva, mas também contra o sol deve ser considerada. Guarda-sóis, bonés e protetor solar devem ser materiais de apoio importantes para o analista, pois são ao menos 60 minutos parado operando a câmera.

É importante estar atento também à organização dos materiais para realizar a gravação. Diversos parâmetros precisam estar em ordem para que ocorra corretamente. Sempre antes da gravação, é preciso organizar câmera, tripé, verificar

se a bateria e armazenamento da câmera estão em condições para realizar a gravação. Em caso de viagem, deve-se observar um local seguro para o transporte dos equipamentos.

Após os jogos, o vídeo da partida deve, muitas vezes, ser produzido na sequência, portanto é necessária a organização e a logística dos passos necessários para isso. Deve-se ter em mente em que local o processo será realizado, se em casa, no transporte ou no Clube. Considerar se a transferência dos dados para a câmera terá compatibilidade com o computador escolhido ou se será necessário um adaptador (para cartão de memória *MicroSD*, por exemplo). É esperado do analista o gerenciamento deste tipo de material (COTTA, 2018). O computador necessita também de um editor de vídeo para realizar a edição, bem como acesso à internet para sua publicação e envio online para comissão e departamento.

Todos esses passos são parte da rotina que tive como analista do Clube. Durante minha jornada neste estágio pude aprender sobre estes procedimentos que contribuem para minha habilitação como profissional na área.

4.2.2 Aprendizagem da análise do jogo

Como foi referido neste trabalho, o produto principal do trabalho do analista é a produção de dados e informações acerca do comportamento de jogo de equipes, seja a própria ou adversário. Grande parte dos produtos realizados por mim durante o estágio se encaixam na categoria de análise de jogo. Durante o estágio pude aprender e teoria e a prática necessária para produzi-la. Neste trabalho, pude refletir conceitualmente sobre este processo. O início deste processo ocorre na obtenção de materiais de vídeo para realizar a análise. Para a própria equipe este processo foi descrito anteriormente, já para equipes adversárias existem outras etapas necessárias.

Foi neste estágio que tive o primeiro contato com a análise de desempenho no futebol. Em experiências anteriores, tive contato com outros campos de conhecimento relacionado ao jogo, como o treinamento físico e esportivo, e fisiologia. Portanto, o que iria desenvolver a partir de então no estágio seria em boa parte um novo mundo

para mim. E assim foi com a tarefa de maior relevância do analista, relacionada a compreensão do jogo, seu papel primordial: a análise do jogo.

Chegar sem experiência pode ser em alguns momentos um pouco angustiante. O mundo do futebol é um mundo de pressões. Mas apesar disto nunca fui cobrado pessoalmente por aprender rapidamente, é só uma tendência intrínseca ao ambiente. Por outro lado, o processo de estágio retira um pouco desta carga e permite maior abertura para dúvidas, erros e correções. Com essa condução meu supervisor de estágio, o chefe do CAD guiou minha aprendizagem no passo a passo para ser capaz de produzir uma análise do jogo.

Após o ensino dos cuidados básicos de gravação, descritos aqui, fui introduzido a teoria e prática da análise. Nas primeiras reuniões do setor aprendi sobre os conceitos utilizados no clube e que futuramente aprofundaria em estudos alguns dos quais utilizados no referencial deste trabalho. Primeiramente fui introduzido ao conceito de organizações, transições e bolas paradas. Eram situações que estavam no senso comum de um jovem que acompanhava o universo do futebol, mas a clara categorização abre portas para uma análise do objeto de estudo. Esses conceitos foram utilizados para realizar edições de vídeo inicialmente em exercícios para avaliar a compreensão minha, com clipes separando cada situação de jogos do Clube dentro destas categorias.

Após este primeiro passo era necessário um conhecimento mais aprofundado do jogo. Para isto o clube utiliza conceitos dentro dos momentos de organização ofensiva e defensiva, os quais futuramente compreendi estarem relacionados com os princípios do jogo. No Clube e na área da análise de desempenho, bem como durante os treinamentos é comum separar o jogo dentro do momento ofensivo e defensivo em Fases. No Clube utilizamos a classificação de Fases 1, 2 e 3 para distinguir a situação e objetivos das equipes em cada etapa do jogo. Na literatura não pude encontrar algo seguindo a mesma nomenclatura, mas a partir da reflexão disto que utilizamos na prática pude relacionar com os princípios operacionais do jogo, descrito por Bayer (1994) e posteriormente trabalhados por diversos autores (LEONARDO, 2020; THIENGO, 2020). No momento ofensivo, a Fase 1 se refere à construção do jogo, quando o time inicia o ataque na porção do campo mais próxima à sua meta, a depender da postura adversária pode ou não existir essa etapa. Se o adversário marca em “pressão” o objetivo da equipe remete ao primariamente ao princípio “manter a

posse da bola” e secundariamente a “progredir no campo”. A Fase 2 é intermediária, quando o principal objetivo do time é progredir em campo visando a criação de uma jogada com potencial. A Fase 3 ocorre quando o time inicia a jogada próximo à linha da área adversária, relacionada ao objetivo de finalizar à meta adversária (UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, 2008).

As fases defensivas são análogas às ofensivas. A Fase 3 é quando o time defende próximo à linha de fundo adversária, com objetivo primário de “retomar a posse da bola”. A Fase 2, quando a equipe tenta impedir o avanço do time adversário, geralmente em uma posição intermediária; e a Fase 1 quando a equipe busca evitar a finalização do adversário, próxima a linha da sua área (UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, 2008).

Estes foram os principais eixos de conhecimento que sustentam minha trajetória como analista. A interação entre conhecimento prático adquirido durante o trabalho na área e o conhecimento teórico por meio de reflexões e leituras é essencial para a solidificação dos pontos de vista. Este trabalho também foi um grande contribuinte para a reflexão da prática onde pude esclarecer diversos pontos entre eles a relação entre as Fases 1, 2 e 3 utilizadas no clube e os princípios operacionais de Bayer (1994).

4.2.3 Mais fontes de obtenção de informação

Outra forma comum de obtenção de informação durante meu estágio foi a busca de materiais de equipes adversárias. Essa tarefa geralmente é necessária nos dias precedentes às partidas importantes da temporada. Realizar a análise do adversário é um dos momentos de principal atuação do analista no clube. É por meio dessa informação que situações podem ser treinadas ao longo das semanas (COTTA, 2018; LEONARDO, 2020).

Nas categorias mais novas é comum não haver filmagens de muitas equipes que enfrentamos, devido ao nível de investimento de clubes menores, devido a isso foi comum a ausência dessa etapa em muitas partidas que realizei. Entretanto, com clubes mais estruturados, existe a possibilidade de realizar uma análise de adversário. Para isso, antes de tudo é necessário vídeos de partidas das equipes em questão.

Nesse momento, entra uma importante característica do analista de desempenho, a produção de redes de relacionamento.

A obtenção de vídeo do adversário não é algo trivial, não existe uma base de dados universal onde adquirir esses materiais. Muitas vezes, os clubes tentam mantê-los confidenciais. Por isso, o analista necessita se relacionar e conversar com analistas de outros clubes. Geralmente solicitamos vídeos para um analista de uma outra equipe da mesma região, ou de alguma equipe que possui um mesmo enfrentamento. O compartilhamento das informações é vantajoso para ambos, cria-se uma relação ganha-ganha, pois com o compartilhamento fica subentendido que, quando necessário, também fornecerei materiais de equipes. É uma relação positiva e necessária.

Também, a produção de vídeos externos à categoria como a coleta de lances e trechos de jogos de equipes profissionais de alto nível para uso de exemplo foi utilizada. Muitas vezes o treinador tem a pretensão de levar os atletas para assistir a lances de equipes de alto nível a fim de exemplificar certos comportamentos. A intenção é de que isso seja um ambiente de aprendizagem ao visualizar a situação que é solicitada nos treinamentos em jogadores que os próprios atletas enxergam como exemplos a serem seguidos. A obtenção desses vídeos é menos complexa, visto que é possível encontrá-los facilmente na internet. Existem sites que disponibilizam o *download* de gravações de jogos importantes que utilizamos para realizar edições. Com os vídeos em mãos, realiza-se cortes dos lances solicitados podendo-se realizar um compilado ou organizá-los em clipes para a sua exibição.

4.3 CONTRIBUIÇÕES NA APRENDIZAGEM DOS ATLETAS

Como descrito, a produção dos materiais relacionados aos treinamentos, jogos e atletas é a função principal do analista, ainda assim é parte da função o auxílio em outras tarefas. Uma vez que a comissão técnica esteja integrada e reconheça no outro a capacidade de realizar um trabalho conforme o prezado, há a possibilidade de realizar intervenções diretamente. Em muitos momentos houve essa abertura, desde os trabalhos no campo, à realização de apresentações, e pude participar diretamente na aprendizagem dos atletas.

O comandante de uma categoria é o treinador principal da equipe, mas uma integração da comissão permite que todos os colegas possam realizar partes dos trabalhos de forma direta. Pude perceber, durante meu início no Clube, que meu papel era apenas observar os treinamentos e auxiliar em tarefas mais simples, como na organização de materiais e do campo. Nessa fase era visto como alguém que estava iniciando e, portanto, não teria como realizar intervenções mais técnicas ou conceituais. Foi um momento importante para aprender sobre a lógica interna dos treinamentos e conceitos, bem como para ganhar experiência e confiança; tudo isso seria usado futuramente para agir diretamente.

Com o tempo e a familiarização com ambiente e colegas ganhei maior autonomia e pude realizar tarefas mais complexas. Percebi que essa mudança ocorreu primeiramente no campo, quando minha função passou de auxílio com materiais e organização, para auxílio em intervenções mais diretas com os atletas. A partir desse momento era solicitado, de acordo com as instruções do treinador, que eu ficasse com algum subgrupo nos treinos orientando as atividades conforme combinado previamente. O planejamento e instruções ainda eram determinadas a partir das ideias oriundas do treinador, mas os comandos já poderiam ser passados por mim como analista.

Outro momento de mudança foi na planificação dos treinamentos, inicialmente minha participação nas reuniões era como ouvinte. Vejo esses momentos de observação sempre com olhar positivo, pois o mundo do futebol possui muitas peculiaridades que só podem ser apreendidas ao participar diretamente. Foi durante este período de observação e prática que, juntamente com o conhecimento obtido com o estudo teórico, pude formar minhas opiniões e iniciar a construção de minha autonomia na área. Com o passar do tempo meu ponto de vista passou a ser solicitado e considerado. Dessa forma pude expressar minhas ideias na construção do treinamento, sugerir exercícios, na montagem das equipes, sobre cada atleta individualmente etc.

A variação entre o perfil de cada treinador pode exigir diferentes tarefas de cada membro da comissão. Durante meu estágio estive sob a liderança de diferentes treinadores e, mesmo com a boa recepção de todos, cada um possuía diferenças em suas demandas para o analista. De certa forma, essas mudanças não alteravam a essência das diretrizes do Clube para a figura do analista. Sendo um auxiliar-analista,

meu papel sempre foi de auxiliar o treinador nos treinamentos, mas cada um solicitava isso de diferentes formas. A intervenção comum a todos eram auxílios nos treinamentos de campo, isto é, instruir durante as atividades, corrigir ações individuais, de grupo e coletivas, bem como motivar os atletas. Dessa forma, a partir do momento em que os treinadores adquiriram confiança sobre meu trabalho pude atuar de forma mais direta, exigindo e ensinando aos atletas aquilo que a comissão pretendia, ao mesmo tempo que formava minha própria conduta como profissional.

Por alguns meses, ao longo do ano, a categoria que estive a cargo possuía um grupo muito grande. Ou seja, o número de atletas era elevado demais para desenvolver o trabalho da forma considerada a ideal. Como comissão, precisávamos nos reorganizar de forma a abarcar todos os atletas no processo de formação. Nesses momentos foi quando pude exercer trabalhos com bastante autonomia. Como já possuía a confiança do treinador, planejávamos para, em diversos treinos, eu ficasse responsável por uma parte do grupo enquanto o treinador ficava com outra parte. Nunca deixei de ser supervisionado, mesmo nesses momentos, visto que a comissão era composta por quatro membros, dois eram responsáveis por cada grupo. Ainda assim pude desenvolver o trabalho acordado pela comissão nas vezes que pude comandar estes trabalhos, intervindo diretamente na aprendizagem dos atletas.

Com a produção dos materiais, o analista também pode realizar palestras com diversos intuitos, desde a avaliação da própria equipe em jogo, até a análise de jogos de equipes profissionais. O uso de materiais de vídeo em palestras com os atletas foi comum entre os diferentes treinadores com quem trabalhei, variando a forma de apresentação e o tipo de material solicitado. A preparação desses materiais ficava a meu cargo, os treinadores solicitavam o que gostariam de apresentar. Com alguns a análise apenas dos melhores momentos em campo era suficiente para apontar o que considerava necessário, com outros exigiam cortes e análises mais elaboradas.

Na maior parte das palestras, meu papel era auxiliar na apresentação, como operar o programa e computador. A dinâmica da minha intervenção por este meio foi parecida como ocorreu nas outras áreas. Conforme a integração do trabalho acontecia eu poderia intervir com maior autonomia. Nas palestras de análise sobre a própria equipe em jogos, o treinador demonstrava para os atletas os comportamentos tomados no jogo e comparava com o que era solicitado nos treinos. Nesses momentos

eu era um ator mais secundário, mas poderia realizar algumas pontuações se achasse que poderia a partir da liberdade do treinador.

Em outras palestras, o intuito não era analisar a própria equipe, mas trabalhar alguns dos conceitos visto nos treinamentos no campo. Nelas exibimos vídeos de diversas categorias de ações do jogo. Foram separadas em ações individuais, de grupo e coletiva e para cada Fase do jogo. Exibimos ações consideradas de alto nível por meio de clipes de jogos do mais alto nível de competitividade do futebol. Fui responsável pela seleção e organização desse material. Foram diversos encontros realizados com essa finalidade. Nos primeiros o treinador conduzia a maior parte das falas, nas últimas eu pude, durante a exibição dos vídeos, tecer comentários que considerava pertinente.

Foi durante a liderança deste treinador que mais utilizamos este recurso de palestras para ensino e tratar de elementos do jogo. Conforme o tempo passava eu recebia maior autonomia para levar e sugerir conteúdos, e minha percepção foi de que em breve eu seria responsável por liderar algumas destas palestras. Porém, houve uma nova troca de treinadores na categoria e esse trabalho acabou sendo interrompido. Percebo esses acontecimentos como ciclos naturais do esporte.

Cada treinador tem sua preferência na forma de trabalho dos conteúdos considerados essenciais, não havendo necessariamente uma forma correta e outra errada. São meios diferentes de atingir o mesmo objetivo. Os treinadores de categoria de base também são profissionais em formação e estão aprendendo com o processo. Muitas vezes algo que não era considerado essencial passa a ser indispensável na sua intervenção. Por isso é importante uma flexibilidade na forma de trabalhar, que necessita girar em torno do objetivo de formar os atletas. O treinador, como líder, deve determinar como atingirá isto a partir das suas convicções e conversas com a comissão. A partir dessa diretriz geral é que os outros membros da comissão terão autonomia nos seus campos e decidirão sua linha de atuação na aprendizagem dos atletas.

5 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi relatar a minha experiência de estágio como analista de desempenho nas categorias de base de um Clube de Porto Alegre. O exercício de realizar este trabalho contribuiu para a reflexão da prática que realizei, bem como para a aplicação de conceitos aprendidos ao longo do curso e do estágio. Pude refletir sobre diversos aspectos envolvendo minha prática profissional, sobre os aspectos conceituais do jogo, a profissão do analista nas categorias de base, sobre as relações no local de trabalho e os conceitos aplicados.

O estágio pode me proporcionar experiências valiosíssimas para minha formação profissional, as quais, arrisco dizer, seriam muito difíceis de aprender fora deste local de prática. Vejo que o estágio durante a graduação é uma das poucas portas que se abrem para quem tem o objetivo de trabalhar com futebol. Apesar disto é uma área muito rica que possibilita a exploração conceitual e prática. A construção deste relato é um exemplo deste exercício.

A reflexão sobre a prática é importante para o aprimoramento da conduta. Muitas vezes se realiza algo apenas por ser executado há muito tempo, e outras vezes existe um preconceito com a tradição. Um princípio importante é conhecer antes de opinar, foi neste estado o qual busquei me colocar durante o período. Este é um relato de quem ainda se coloca neste estado de aprendiz, mas que já aprendeu algo e intui contribuir para aqueles que virão a ser introduzidos ao mundo do futebol.

REFERÊNCIAS

- A COMPREENSÃO DO FUTEBOL COMO UM JOGO ESPORTIVO COLETIVO E OS PRINCÍPIOS OPERACIONAIS DE CLAUDE BAYER I. [S. l.], 2008. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2008/06/06/a-compreensao-do-futebol-como-um-jogo-esportivo-coletivo-e-os-principios-operacionais-de-claude-bayer-i/>. Acesso em: 8 out. 2022.
- ANDERSON, C.; SALLY, D. Os números do jogo: por que tudo o que você sabe sobre futebol está errado. **São Paulo: Paralela**, [s. l.], 2013.
- BAYER, C.; DA COSTA, M.; GÓIS, P. **O ensino dos desportos colectivos**. [S. l.: s. n.], 1994.
- CARLET, R. Análise de desempenho: a era de dados no futsal. **S. l.**, [s. l.], 2020.
- COTTA, R. M. **Análise de Desempenho no Futebol: Entre a Teoria e a Prática**. [S. l.]: Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018.
- FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. [S. l.]: Autores Associados, 2021.
- GRECO, P. J.; MORALES, J. C. P.; ABURACHID, L. M. C. Metodologia do ensino dos esportes coletivos: iniciação esportiva universal, aprendizado incidental-ensino intencional. **Rev Min Educ Fís**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 145–174, 2012.
- LEONARDO, L. **Análise de desempenho: contribuições da pedagogia do esporte para uma prática autônoma**. 1. ed. Goiânia, GO: Talu Esporte Educacional, 2020.
- MATVEEV, L. P.; GOMES, A. C. **Treino desportivo: metodologia e planejamento**. [S. l.]: Phorte, 1997.
- REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DOS CURSOS DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA. **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**: ago. 2019.
- SHAMAH, M. E. do P. Análise de desempenho no futebol: a prática do analista de desempenho nas categorias de base dos clubes brasileiros da Série A. [s. l.], 2021.
- TEOLDO, I.; GUILHERME, J.; GARGANTA, J. **Para um futebol jogado com ideias**. [S. l.]: Editora Appris, 2020.

THIENGO, C. R. *Glosário do futebol brasileiro: termos e conceitos relacionados às dimensões técnica e tática*. **Rio de Janeiro: CBF Academy**, [s. l.], 2020.